

A Faculdade de Medicina do Recife Integrada à UFPE

Professor Salomão Kelner

Suspensa a sua publicação há alguns anos, decidiram as autoridades universitárias, na oportunidade em que se comemora o cinquentenário da Universidade Federal de Pernambuco, trazer novamente à circulação a Revista "Estudos Universitários". Foi a primeira Revista a ser publicada sob a responsabilidade da então Universidade do Recife, tornando-se, pela qualidade que caracterizou o seu conteúdo, um veículo de divulgação de idéias, amplamente reconhecido e profundamente respeitado. Na oportunidade em que sou honrosamente incumbido de apresentar uma contribuição, versando sobre a Faculdade de Medicina e sua perspectiva da UFPE, congratulo-me com aqueles que, em boa hora, tomaram tal iniciativa.

O meu artigo se compõe de duas partes. Uma versando sobre a Faculdade de Medicina e a sua própria história, constituindo a minha colaboração ao primeiro número da Revista Estudos Universitários. A segunda parte será objeto de um outro artigo a ser oportunamente publicado e que complementarará o antecedente, embora, eu possa reconhecer em cada um deles ao lado dessa interdependência, uma certa autonomia.

Escrever A HISTÓRIA DA FACULDADE DE MEDICINA DO RECIFE dentro do programa estabelecido pela COMISSÃO DE COMEMORAÇÃO DO CINQUENTENÁRIO DA FUNDAÇÃO da UNIVERSIDADE do RECIFE, sua primeira designação, cabe de minha parte uma justificativa.

De 1935, ano que ingressei na Faculdade de Medicina do Recife, até 1938 encontrava-me, quase diariamente, com o Professor Octávio de Freitas, ora na Enfermaria Bom Conselho do Hospital D. Pedro II, ora na Liga Pernambucana Contra a Tuberculose, no Derby, fundada por ele, em 1936. Na época era o Diretor da Faculdade de Medicina do Recife.

É estranho imaginar como um professor tão qualificado respondesse a curiosidades de um estudante de medicina dos primeiros anos. Era a sua natural simplicidade de considerar o aluno tão importante quanto um professor.

A minha presença na Faculdade de Medicina, além de aluno de 1935 a 1940, abrangeu o exercício na carreira docente, durante 41 anos - 1945 a 1986 - continuando, sempre vinculado, ora direta, ora indiretamente com o curso médico ou a Universidade.

Em 1985, por designação do professor Geraldo Gomes, então Diretor do Centro de Ciências da Saúde, precedi a Comissão de elaboração do livro: "História da Faculdade de Medicina do Recife, 1915-1985".

Essa convivência de acima de 60 anos, abrangendo ensino, pesquisa, extensão e outras atividades universitárias explicam o privilégio de ter sido designado para escrever a História da Faculdade de Medicina do Recife.

A FACULDADE DE MEDICINA DO RECIFE, sua primeira designação, foi criada pelo Prof. José Octávio de Freitas depois de um período tumultuoso.

Não fora a determinação e o idealismo de Octávio de Freitas, de família de ascendência pernambucana, piauiense de nascimento, graduado em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1882, a nossa Faculdade, fundada em 1915, teria sido retardada em vários anos.

A história da Faculdade de Medicina compreende dois períodos: O primeiro, estende-se de 4 de abril de 1915, data oficial de sua fundação a 11 de agosto de 1946, quando juntamente com a Faculdade de Direito do Recife, Escola de Engenharia de Pernambuco e Escola de Belas Artes passaram a integrar a Universidade do Recife, sua primeira designação.

O Primeiro período correspondeu ao início e todo o tempo que se desenvolveu como Escola Autônoma, enquanto, o Segundo período, integrada à Universidade passou a receber e depender de recursos federais.

Primeiro período

Pródromos

Alguns dados preliminares que antecederam à fundação da Faculdade de Medicina do Recife. São minuciosamente relatados pelo Prof. Octávio de Freitas, em seu livro publicado em 1944.

Tentativas de Criação da Faculdade de Medicina do Recife: Para Octávio de Freitas, o Governador Dr. Alexandre José Barbosa Lima "foi um dos maiores propulsores da educação em nosso Estado, como facilmente se poderá verificar, compulsando-se os atos emanados do seu governo, no decorrer de 1895". Criada a Escola de Engenharia, ele encaminha à Câmara dos Deputados, o projeto n. 111, assim redigido:

Artigo 1.º - Fica autorizado o Governador do Estado a criar nessa capital, uma Faculdade de Medicina, dispendendo para isto a quantia necessária.

Artigo 2.º - Os atos praticados pelo Chefe do Poder Executivo em virtude da presente lei, bem como o regulamento expedido para sua execução ficarão dependentes da aprovação do Congresso do Estado.

Artigo 3.º - Revogam-se as disposições em contrário. Câmara dos Deputados, 14 de junho de 1895. José Marcelino da Rosa e Silva, presidente; Celso Florentino Henriques de Sousa, 1.º Secretário, Júlio Antero, servindo de segundo secretário".

Caminhava bem o projeto, quando em última discussão, no Senado, se levantou o influente facultativo, Prof. de Medicina Legal da Faculdade de Direito, Dr. Constâncio Pontual, combatendo com veemência, o projeto. Lamentavelmente a maioria dos senadores votou contra. Fracassada a Fundação da Faculdade de Medicina em época por demais propícia aos projetos de instrução, houve grande silêncio sobre tão importante assunto. Quebrou este silêncio a instalação da Escola de Farmácia, criada pela Lei Estadual n. 584 de 5.7.1902 e cujo reconhecimento pelo Governo Federal ocorreu em 17.XI.1905. Esta Escola, como diz Otávio de Freitas fundada sob os auspícios da Sociedade Propagadora da Instrução Pública, teve vida

efêmera, não indo além de três anos. Seu fechamento, que se prendeu à falta de recursos e meios, repercutiu profunda e negativamente na pretensão de se criar uma Escola de Medicina.

No primeiro Congresso Médico de Pernambuco realizado em abril e maio de 1909, na sessão de encerramento, a 2 de maio, o bacharel Durval de Brito faz diversas considerações no sentido de justificar uma proposta, de criar uma escola livre de medicina, no Recife, devendo, para tratar dos meios de levar a efeito a organização da escola, ser nomeada uma comissão pelo Congresso. Posta em discussão, a proposta foi combatida pelos Drs. Alfredo Arnóbio Marques e Joaquim Loureiro. O primeiro, como médico e professor da extinta Escola de Farmácia, acha a proposta brilhante "mas, atendendo às grandes dificuldades da fundação de um tal instituto, pensa que absolutamente nem se deve pensar em semelhante tentativa". O malogro da Escola de Farmácia lhe concedeu experiência; daí se comprometer a não fazer parte dessa comissão. O segundo, Dr. Joaquim Loureiro, presidente do Congresso, declara estar de acordo com o orador precedente: "se não foi possível sustentar, nesta capital, uma escola de farmácia, como se poderá cogitar na criação de uma escola médica que depende de amphiteatros, laboratórios, clínicas, etc?"

(*) corresponde ao Senado do Estado existente na época.

O orador pensa poder afirmar que o Congresso votará contra a proposta, pois, embora a idéia seja efetivamente grandiosa e digna, ele como seu colega Sr. Arnóbio Marques, também não quererá fazer parte de tal comissão. Entende finalmente que medidas mais urgentes deve o Congresso aprovar, essa sendo adiável. Quanto a auxílios, acha o orador que o Congresso deve apenas apresentar as idéias e esperar que o governo auxilie se as julgar convenientes.

Diante de tais argumentos, o sr. Durval de Brito retira a proposta; mais uma vez fracassa a criação da Escola de Medicina no Recife. Defendendo a criação de tão importante instituto de ensino superior, permanece Otávio de Freitas, e nem com o segundo fracasso lhe morreu a idéia e/ou se lhe enfraqueceram as forças de persistir na luta.

Se o 1.º Congresso Médico do Recife não aprovou a proposta do Sr. Durval de Brito, já o mesmo não acontecerá com uma outra proposição, do Dr. Bandeira Filho: a criação de uma escola para parteiras e a fundação de uma pequena maternidade. Muito embora já existissem funcionando as duas (o curso de parteiras e uma maternidade), objetivos da proposta de Bandeira Filho, ela constitui motivo de fazer renascer a velha aspiração de Otávio de Freitas. O que se ministrava no Curso de Obstetrícia era insuficiente, e a Maternidade Santa Rita, no Hospital Pedro II, não oferecia condições satisfatórias. Daí as duas propostas de Bandeira Filho, unanimemente, concorrerem para a criação da sonhada Faculdade.

Dada a carência de recursos e meios, a Escola de Farmácia permaneceu fechada durante quase cinco anos. Reabriu suas aulas em 6 de abril de 1910. A Sociedade Propagadora da Instrução Pública através de seu conselho nomeou como diretor efetivo o dr. Eusébio de Almeida Martins Costa, diante da renúncia do seu ex-diretor, o dr. Alfredo Arnóbio Marques. Nessa oportunidade, Otávio de Freitas foi indicado para fazer parte do corpo docente da Escola, vislumbrando, como diz em sua "História da Faculdade de Medicina do Recife", possibilidades de fazer ressurgir a idéia da Faculdade de Medicina, aceitou, de bom grado, a indicação. Dialogando com o ex-diretor da Escola sobre sua velha aspiração, não sentiu receptividade; pelo contrário, este a recebeu com desânimo, dizendo:

- "Você não vê como vive modestamente a Escola de Farmácia!... Como pensar, então, em Faculdade de Medicina, entre nós? Isto é um sonho irrealizável, meu caro".

- "Bem, disse-lhe eu, você não quer comungar das minhas idéias, atendendo ao meu pedido. Neste caso eu vou apelar para a Congregação da nossa Escola. Logo com Soares de Avelar, Ascânio Peixoto e Tomé Dias, requeremos uma sessão especial para esse fim.

Foi isso a 5 de outubro de 1914.

Reunida a congregação solicitada, nesse dia, sob a presidência do seu diretor, o dr. Martins Costa, tive a grande satisfação de verificar que o meu entusiasmo se propagara, com o mesmo calor, a todos os seus membros, de modo que vencemos a batalha com aplausos unânimes".

Na primeira ata consta que o dr. Diretor manda ler uma petição assinada pelos drs. Soares de Avelar, Ascânio Peixoto, Octávio de Freitas e Tomé Dias, requerentes da reunião. Em seguida, concede a palavra ao dr. Soares de Avelar, que pronuncia um discurso, mostrando a necessidade de auxiliar o desenvolvimento da instituição, propondo a criação de uma Escola de Medicina.

Posta em discussão, falaram diversos lentes, secundando a idéia da criação da Escola de Medicina, cuja votação foi unanimemente aprovada. O dr. Diretor considerou aprovada a proposta do Dr. Avelar.

Pede, então, a palavra o dr. Octávio de Freitas e propõe que sejam criadas diversas comissões com a finalidade de angariar donativos, assim como de organizar os estatutos da nova Escola. Posta em votação a proposta do dr. Octávio, foi a mesma unanimemente aprovada e, em vista disto, o dr. Diretor nomeia as seguintes comissões:

Comissão de estatutos - Soares de Avelar, Octávio de Freitas, Regueira Costa, Alcides Codeceira e Ascânio Peixoto; Comissão para angariar donativos - Arnóbio Marques, Alfredo Medeiros e Tomé Dias. O dr. Diretor, em seguida, mostra a necessidade da organização de uma diretoria provisória para a faculdade de medicina e convida os senhores lentes a recolherem as suas cédulas para egerem por escrutínio secreto essa diretoria.

Recolhidas as cédulas, verificou-se o seguinte resultado: diretor, Octávio de Freitas, com 6 votos; tesoureiro, Alfredo Medeiros, com 4 votos, e secretário, Tomé Dias, com 6 votos. Proclamada esta votação, pede a palavra o Dr. Octávio de Freitas e diz que, em vista de o dr. Martins Costa não fazer parte da diretoria, propõe a inclusão do seu nome na comissão de Estatutos. Esta proposta foi unanimemente aceita, pelo que o dr. Martins Costa aquiesceu, fazendo parte da citada comissão.

A ata foi assinada pelo Dr. Martins Costa, diretor da Escola, por Osvaldo Álvares, secretário, e pelos professores Octávio de Freitas, Soares de Avelar, Braga Guimarães, Regueira Costa, Raposo Pinto, Alcides Codeceira e Arnóbio Marques.

Impõe-se mais uma transcrição do livro de Octávio de Freitas:

"Deliberada a criação da nossa Faculdade de Medicina, com a minha eleição para seu diretor, incontinentemente iniciei a árdua campanha de tornar uma realidade o nosso ideal, escolhendo-se os futuros professores entre os mais aptos e os mais hábeis, e tomando outras medidas que se fizeram necessárias.

Se a comissão encarregada de angariar donativos não pôs em execução imediata o seu mandato, a outra comissão, pelo contrário, logo interessou-se pela sua incumbência, de modo que a 6 de dezembro desse ano, dois meses apenas depois de sua investidura, apresentou os estatutos da Faculdade, em termos os mais inteligentes e adequados ao bom êxito da empresa que lhe determinaram estudar".

Uma crise ocorreu entre os membros da congregação da Escola de Farmácia e o seu diretor. Este renunciando o cargo, Octávio de Freitas foi escolhido para sucedê-lo, por votação unânime dos docentes, em reunião de 20 de agosto de 1915, e sua administração foi das mais proficuas: remodelou a Escola de Farmácia do Recife; promoveu a mudança para um outro prédio, desligando-a da Escola de Engenharia, onde vivia em condições precárias; adquiriu mobiliário e equipamentos para ensino, instalando a Escola com o necessário material didático; abriu concursos para evitar que professores ensinassem duas ou três cadeiras. O esforço de Octávio de Freitas culminou com a equiparação da Escola a suas congêneres federais. Enfeixando em suas mãos a direção de uma Escola Superior equiparada e de uma Faculdade de Medicina em formação, conclamou seus colegas de Congregação a escolherem os nomes dos professores da futura Faculdade de Medicina, com a designação de suas respectivas cadeiras.

Diante da escolha do Corpo Docente, criteriosamente realizada, a instituição ensaiava-se para iniciar a marcha de seu grande e proveitoso destino. Foi, então, marcada a data de realização da primeira congregação da nova Faculdade, que teve lugar em 5.4.1915, considerada a data oficial da criação da Faculdade de Medicina do Recife.

Instalação da Faculdade de Medicina: A instalação foi precedida de uma longa entrevista do Dr. Octávio de Freitas com o então Governador José Bezerra, que o chamara para comunicar o intuito do Ministro João Luiz Alves de criar uma Universidade em Pernambuco, se fosse estabelecida uma Faculdade de Medicina no Estado.

Afirmou, então, Otávio de Freitas ao governador, que essa Faculdade já estava criada desde 1915, só lhe faltando, para que começasse a funcionar com eficiência, o apoio moral e o amparo financeiro das entidades oficiais.

Apoio e amparo não foram regateados ao diretor da nova Escola, que, estimulado pelas palavras de entusiasmo do governador, resolveu, quanto antes, convocar a congregação para dinamizar as atividades da sonhada instituição de ensino superior, "cuja denominação oscilava entre Faculdade de Medicina de Pernambuco e Faculdade de Medicina do Recife, permanecendo esta última".

De acordo com o referido Autor, transcreve-se, abaixo, a ata da segunda congregação da Faculdade de Medicina do Recife:

- ATA DA SEGUNDA CONGREGAÇÃO DA FACULDADE DE MEDICINA DO RECIFE - No dia 14 de maio de 1920, pelas 13 horas, sob a presidência do Sr. Otávio de Freitas, secretariado pelo dr. Tomé Dias, efetuou-se a segunda congregação da Faculdade de Medicina do Recife. Estiveram presentes, além da mesa, os drs. Ascânio Peixoto, Alfredo Medeiros, Arsênio Tavares, Isaac Salazar, Frederico Cúrio, Raposo Pinto, Costa Carvalho, Lins e Silva, Artur de Sá, Mário Ramos, Gouveia de Barros, Paulo de Aguiar, Souto Maior, Monteiro de Moraes, Bandeira Filho, Luis de Goés, Ulisses Pernambucano, Gilberto Rocha e farmacêuticos Braga Guimarães e Antonio Inácio. Fizeram-se representar, alegando justos motivos, os drs. Alfredo Costa, João Marques e Arnóbio Marques. Lida a ata da sessão anterior, realizada a 5 de abril de 1915, é posta em discussão e, não tendo sido impugnada, é aprovada. Não houve expediente da Secretaria. O sr. Presidente, comunicando aos srs. Professores que o número dos lentes nomeados pela última congregação estava incompleto, em razão do falecimento dos prezados colegas Constantino Pontual, Soares de Avelar e Martins Costa, lembra que a

congregação faça as respectivas nomeações; assim como que, consultando os interessados, faça a reforma do corpo docente, adotando a distribuição, classificação e nomenclatura estabelecida pela última reforma do ensino oficial. Discutidas largamente, estas propostas são aprovadas por votação unânime, resultando, da reorganização feita, a distribuição dos professores catedráticos.

Oscar Coutinho - Física Médica
 Raposo Pinto - Química Médica
 Alfredo Medeiros - História Natural Médica
 Luís de Goés - Anatomia Descritiva
 Monteiro de Moraes - Histologia
 Gilberto Rocha - Fisiologia
 Otávio de Freitas - Microbiologia
 Selva Júnior - Terapêutica Clínica e Experimental e Arte de Formular
 Mário Ramos - Patologia Geral
 Regueira Costa - Farmacologia
 Alfredo Costa - Anatomia Médico-Cirúrgica e Operações
 Costa Carvalho - Higiene
 Ascanio Peixoto - Medicina Legal
 João Marques - Clínica Médica, 1a. Cadeira
 João Amorim - Clínica Médica, 2a. Cadeira
 Edgar Altino - Clínica Médica, 3a. Cadeira
 Fernando Simões Barbosa - Clínica Médica, 4a. Cadeira
 Arnóbio Marques - Clínica Cirúrgica, 1a. Cadeira
 Frederico Cúrio - Clínica Cirúrgica, 2a. Cadeira
 Paulo de Aguiar - Clínica Cirúrgica, 3a. Cadeira
 Bandeira Filho - Clínica Obstétrica
 Tomé Dias - Clínica Ginecológica
 Isaac Salazar - Clínica Oftalmológica
 Artur de Sá - Clínica Oto-rino-laringológica
 Lins e Silva - Clínica Pediátrica Médica e Higiene Infantil
 Inácio d'Ávila - Clínica Pediátrica Cirúrgica e Ortopédica
 Francisco Clementino - Clínica Dermatológica e Sifilográfica
 Ulisses Pernambucano - Clínica Psiquiátrica
 Gouveia de Barros - Clínica Neurológica.

Ainda por deliberação da congregação foram nomeados professores substitutos das secções de ginecologia e cirurgia os drs. Arsênio Tavares e Souto Maior, respectivamente. A Diretoria, a fim de que sejam realizadas diversas decisões constantes da ata da sessão anterior, e que se referem ao equilíbrio financeiro e meios de estabilidade do instituto, nomeou a seguinte comissão, a qual deverá se entender com o Exmo. Sr. Governador do Estado: - Gouveia de Barros, Edgar Altino, Frederico Cúrio e Otávio de Freitas. Ainda o presidente nomeou a seguinte comissão encarregada de modificar os Estatutos e Regimento Interno, editados em 1915: Mário Ramos, Ulisses Pernambucano, Gilberto Fraga Rocha, Tomé Dias, Ascânio Peixoto e Arsênio Tavares. Sob proposta do dr. Tomé Dias foi votado que os cursos mantidos pela Faculdade fossem iniciados ainda este ano. Nada mais havendo a tratar, foi levantada a sessão e marcada outra para o dia 20 de maio, na qual deverão ser apresentados pelos srs. Professores os programas de ensino a serem adotados na presente época letiva. Tomé Dias".

Início do Curso: O último preparativo para o início do curso médico consta da 4a. Ata da Congregação da Faculdade de Medicina do Recife, redigida, como as demais, por Thomé Dias, a qual espelha os últimos retoques para a grande solenidade histórica do dia 16 de julho.

Diz o documento:

- "Às 19 horas do dia 1o. de julho do corrente ano (1920), na sala das sessões da Sociedade de Medicina, sob a presidência do dr. Octávio de Freitas e com a presença dos srs. Drs. Artur de Sá, Gouveia de Barros, Gilberto Rocha, Oscar Coutinho, Fernando Lemos, Isaac Salazar, Costa Carvalho, Luís de Góes, Souto Maior, Ascânio Peixoto, Raposo Pinto, Edgar Altino, Mário Ramos e Tomé Dias, reuniu-se a quarta congregação da Faculdade de Medicina de Pernambuco. É lida a ata da sessão anterior, a qual foi aprovada sem emenda. Não houve expediente da Secretaria. É concedida a palavra ao dr. Gilberto Rocha, que prossegue a leitura do Regimento Interno, iniciada na sessão anterior. São aprovados, sem discrepância, todos os assuntos até o artigo 36, o mesmo acontecendo com o capítulo seguinte, intitulado - Dos auxiliares de clínica". Os capítulos relativos à congregação e exame vestibular, por serem

moldados segundo o decreto 11.530, deixam de ser discutidos e são aprovados. No entanto, ainda o dr. Edgar manifesta-se sobre as vantagens que trariam ao ensino uma organização original, emancipada da tutela escrita da fiscalização dos governos e da obrigatoriedade aos programas e paradigmas das leis oficiais. Era contrário à adoção de um Regimento de semelhança muito próxima ao das escolas oficiais. Quer o ensino livre. Continuada a leitura do Regimento Interno, sobre diversos itens falam, seguidamente, os drs. Gouveia de Barros, Costa Carvalho, Luís de Góes, Tomé Dias e Simões Barbosa, estabelecendo-se ligeira confusão, dissipada pela proposta do dr. Edgar Altino, lembrando que sejam aprovadas as disposições presentes nos Regimentos das escolas oficiais, a qual foi aprovada. O dr. Diretor consulta a Casa sobre se deveríamos iniciar o Curso. Pede a palavra o dr. Simões Barbosa e propõe que se modifique a fórmula da consulta para a seguinte: "Como devemos iniciar o curso? Com que meios?" O dr. Gouveia de Barros pensa que devemos fundar a Escola desde já, estabelecendo, entretanto, um Regimento transitório, que nos faculte o livre funcionamento, durante o período singular de julho a abril, que será o nosso ano letivo nesta fase de iniciação. Em partes, manifestam-se outros professores. Encerrada a discussão e posta a votos, é aprovado por unanimidade que sejam abertas as matrículas para a presente época. Contra a exigência do exame vestibular, votam os drs. Edgar Altino e Costa Carvalho. Ficou sancionado, por unanimidade, que a Faculdade, como era sua sede provisória a Escola de Farmácia, solicite do Sr. Coronel Lima Castro, Prefeito do Recife, o prédio da Escola Manuel Borba para o funcionamento das aulas teóricas. Contra o voto do dr. Ascânio Peixoto, é aprovado o projeto apresentado pelo dr. Octávio de Freitas para que a Escola convide as Escolas de Farmácia, cujos propósitos de aliança e de concórdia poderiam desde já ser afirmados em parte pelos votos de aprovação dados pelos professores dessa Escola, presentes à reunião. Após alguns debates, foi aprovado que se adotasse, para o estudante gozar do ensino ministrado pela Faculdade a título de taxas escolares, a soma de Cr\$ 450\$000, dividida em um pagamento inicial de 150\$000, outro final de igual quantia e o restante sob o título de taxas de laboratórios, em épocas determinadas pela Diretoria. Assinada pelos Drs. Gouveia de Barros e Simões Barbosa,

recebe a mesma uma proposta alvitando que a Diretoria procure entender-se com os elementos filantrópicos e representativos da sociedade pernambucana, fazendo-se tomar interesse pelo desenvolvimento das finanças e estabilidade material da nossa Escola. A proposta é objeto de atenção, sendo discutida e aprovada unanimemente. Nada mais havendo a tratar, é suspensa a sessão e marcada nova reunião para o dia 22 de junho, após o encerramento da inscrição dos vestibulares, que deveriam ser anunciados até o dia 21, sendo cifrada em 100\$000 a quantia a cobrar como Taxa para a respectiva inscrição. O secretário. Tomé Dias".

Inscrições para Exames Vestibulares: Finalmente, abrem-se as inscrições para os exames vestibulares, inscrevendo-se 29 candidatos. Encerram-se em 21.6.1920. Realizam-se, com rigor, os exames. Pretendia-se, como era natural, honrar o nome da nova instituição. Dentre os aprovados, total de 15, vários haviam-se diplomado pelas escolas de Direito, de Farmácia e de Odontologia. Os vitoriosos seriam, então, matriculados no 1o. ano do curso médico mediante a contribuição de 450\$000 paga em 3 prestações de 150\$000 cada.

Aula Inaugural: A aula inaugural do curso médico, dada por Otávio de Freitas, foi previamente marcada para 16.7.1920, cumprindo-se o calendário. A solenidade ocorreu em uma das salas do velho sobrado da rua do Sebo, hoje chamada de rua Barão de São Borja, assim tendo falado Otávio:

"Meus prezados discípulos!

Eu sinto um prazer inigualável e uma alegria infinda ao dirigir-vos a palavra, neste momento.

É que a minha presença, entre vós, neste dia, significa muito mais do que proporcionar uma simples lição de mestre para discípulos queridos.

Ela quer dizer, na sua maior singeleza, que temos praticamente realizado o nosso sonho dourado de tanto tempo; que se acha real e definitivamente fundada a Faculdade de Medicina do Recife.

Sonho dourado de tanto tempo!

Efetivamente, não é de hoje o anseio de todos nós, médicos residentes em Pernambuco, de possuímos semelhante instituto de ensino.

Durante o governo fecundo e benemérito deste eminente administrador que foi o dr. Alexandre José Barbosa Lima aventou-se a idéia da criação de uma Faculdade de Medicina nesta capital, e houve mesmo quem apresentasse ao Congresso Legislativo Estadual um projeto a semelhante respeito, com plano vasado em melhores e mais consentâneos moldes que os das faculdades oficiais, existentes na Bahia e no Rio.

A proveitosa idéia, porém, não foi julgada objeto de discussão durante aquele ano e, não sei porque motivos, ficou no olvido até hoje, no seio daquela eminente corporação.

Isto não impediu, contudo, que a iniciativa particular, tão pródiga entre nós, dos mais salutareos empreendimentos, procurasse realizar, por partes, aquele importante desiderato, sendo pioneiros esforçados, nas diversas campanhas levantadas, vultos dos mais simpáticos de nossa alta sociedade.

O primeiro instituto criado, sob o influxo benfazejo desta corrente de idéias foi a Escola de Farmácia que, depois de uma pequena interrupção no seu regular funcionamento, vive folgada hoje e com os mais fortes elementos de perpetuidade.

Todo o mundo tem visto a enorme vantagem para o nosso Estado com a feitura desta escola que veio, incontestavelmente, levantar o nível profissional da arte farmacêutica, entregue em quase todas as localidades do interior a indivíduos charlatães de rudimentares conhecimentos e bastantes inábeis no preparo dos mais comestíveis remédios, cujo valor químico, terapêutico e biológico eles desconheciam por completo.

Que digo eu? Não se fazia preciso, até bem pouco tempo, sairmos da nossa capital para observar tais desconcertos entre os nossos manipuladores de drogas.

Aqui mesmo, antes da criação da escola, se fizessemos uma estatística das farmácias regidas realmente por farmacêuticos, não encontraríamos, nestas condições, talvez uma terça parte delas.

Na sua maioria estavam entregues a práticos mais ou menos cômicos de suas não responsabilidades, que eram descarregadas, muito suavemente, num indivíduo titulado qualquer, sem outro

amor à sua arte que este de alugar o seu título, aí por uma bagatela, de cem mil réis ou menos...

Vêem assim, os meus prezados alunos que, se outras vantagens não auferisse a nossa população com esta pequena derrama de discípulos de Galeno, que vamos fazendo todos os anos, seria por si só de um valor inestimável estabelecer, pela concorrência, a necessidade do estudo e do aperfeiçoamento para saírem vencedores na luta pelo ganha pão.

Depois da Escola de Farmácia, cujos excelentes resultados práticos vão sendo, deste modo, autenticados, veio à baila a criação de um outro instituto - o de Odontologia - e dos desejos manifestados por uma pleiade de valentes lutadores, à sua realização, não foi muitíssimo dilatado o espaço de tempo.

A escola de Odontologia de Pernambuco vem funcionando com todo o proveito e regularidade, e com uma notável frequência de alunos.

A sua inteligente diretoria dedica-lhe a maior soma de esforços, procurando emulá-la às suas co-irmãs oficiais ou não, já existentes e em diferentes cidades brasileiras.

Além destas duas, devo ainda referir-me à Escola de Parteiras, criada pela nossa infatigável S.Casa de Misericórdia que assim atendeu aos ingentes reclamos da classe médica, manifestados com a máxima intensidade, desde a realização do Primeiro Congresso Médico Pernambucano, em 1909.

Por último, não devo passar revista sobre os nossos institutos de ensino médico, sem dizer algumas palavras de sincera admiração sobre a Escola de Enfermeiros, também mantida pela mesma pia instituição e criada igualmente sob as benéficas insinuações desse congresso médico, e na qual podem receber instrução técnica, alunos de ambos os sexos, teórica e prática, que se vão denominado - Escola de Farmácia, no tratamento de um doente qualquer a eles confiados.

Desta análise a vôo de pássaro, vê-se claramente que, por diversificados caminhos, a ideias da criação de uma Faculdade de Medicina, lembrada no governo Barbosa Lima, vai se objetivando, pouco a pouco, nestes núcleos proveitosos de ensino teórico e prático, que vão se denominando - Escola de Farmácia, de Odontologia, de Parteiras e de Enfermeiros.

Em todas estas, as disciplinas já ensinadas abrangem um número bem respeitável de matérias as mais diversas, desde as ciências acessórias físico-químicas, a história natural, a microbiologia, a terapêutica, a higiene e a farmacologia, até a histologia, a fisiologia, a obstetria e um certo número de operações de pequena cirurgia.

Quiséssemos nós congregar todos estes elementos esparsos e muito pouco nos restaria para fazer a construção definitiva do instituto superior de estudos médicos, pois além deles possuímos também hospitais bem providos de doentes das mais variadas modalidades mórbidas e em tais nosocômios poderíamos proporcionar aos nossos alunos os necessários conhecimentos a serem utilizados na vida prática.

Já lá se vão talvez dez anos, meus senhores, quando eu, de parceria com João Marques, Gouveia de Barros, Arnóbio Marques, João Amorim e Soares de Avelar, além de outros, me lembrei de fundar uns cursos práticos sobre diversas disciplinas médicas, no hospital Pedro II, curso de férias para os alunos das escolas médicas de outros Estados, aqui em vilegiatura de repouso, ou para colegas nossos que desejassem conhecer assuntos especializados e que nos houvéssemos dedicado mais particularmente. Uma espécie de troca mútua de ensinamentos, hauridos por nós, e que os procurássemos difundir uns aos outros.

Era um arremedo do que sempre virámos nos diversos centros existentes em Paris, Londres, Berlim e outras capitais adiantadas onde, durante as férias, os professores ou os médicos mais velhos e mais experientes faziam ressaltar os seus conhecimentos adquiridos nos hospitais e nos laboratórios, transmitindo-os aos mais novos ou aos mais inexperientes que, por sua vez, os aperfeiçoavam para levá-los cristalizados e difundi-los aos que viessem depois...

Queríamos assim e por este meio formar o inquebrantável elo da solidariedade científica, criando esta arregimentação, esta disciplina escolástica que dá força, que revigora, que retempera os espiritos.

Era a formação, no final das contas, de uma escola prática de medicina, onde todos nós teríamos de aproveitar bastante, lucrando com isto também os nossos clientes e a medicina indígena.

A nossa idéia desativada de preconceitos, como a formuláramos causou, no entanto, grande espanto a muitos, si não mesmo escândalo a alguns, e o nosso tão alevantado intuito não pôde ser levado a efeito, devido ao arrefecimento sobrevindo à maior parte dos seus ilustres pioneiros.

Somente eu, que já vinha realizando tais intentos desde anos atrás dei, no meu laboratório particular o anunciado curso de bacteriologia regularmente freqüentado, e do qual surgiram até algumas teses interessantes, defendidas nas Faculdades de Medicina oficiais.

Mas, bem sabeis, "uma andorinha só não faz verão", e a nova tentativa deixou, por isso, de ter o resultado almejado.

Outros alicerces deveriam ser argamassados para o soerguimento final do nosso grandioso edifício de ensino.

Em 1915 nos abalançamos de novo para a conquista do nosso ideal desta vez com uma fórmula mais arrojada, qual a da fundação de uma escola de medicina.

Foi no seio da Escola de Farmácia, que ainda hoje nos acolhe com a mais galharda fidalguia, que lançamos a idéia radical e radicada no nosso espírito e, não tivesse havido certo receio do então diretor deste instituto de ensino, o ilustre dr. Martins Costa, a nossa almejada escola, desde aquele ano, estaria em plena atividade.

O eminente estadista e homem de governo, dr. Rivadavia Correia, com um descortino moldado nos mais sãos princípios da moral e da razão, havia impresso uma feição moderna, lógica e consentânea no nosso ensino superior, dando-nos ensanchas para, de acordo com o seu plano liberal de ensino, reunirmos os elementos de fundação da escola.

Nomearam-se os lentes; discutiram-se a aprovaram-se os estatutos da nova Faculdade e, depois, veio novamente o desânimo adormecer as energias.

Adormecer é bem o termo que devemos empregar, porque a Faculdade criada não morreu desta feita; apenas dormiu profundamente durante estes longos cinco anos já passados, para despertar agora mais revigorada, mais robustecida, mais adornada de

energias, como um fruto amadurecido por demorado e paciente sazonalmente!

Que a Faculdade de Medicina vive; que ela pode dar demonstrações de força, de veemência e de inquebrantabilidade, tendes agora a prova nesta lição inaugural que vos estou fazendo, como tivestes dias atrás, nos exames vestibulares, onde somente conseguiram promoção aqueles que realmente a mereceram.

Esta pequena amostra do nosso reto modo de proceder, tendo a convicção que será todos os anos reproduzida em cada um dos nossos cursos, em cada uma das disciplinas ensinadas.

Porque, ficai bem certos, a Faculdade de Medicina do Recife não teve nem terá por principal escopo formar a granel e em correrias, médicos, farmacêuticos, cirurgiões dentistas e parteiras. O que ela pretende, sobretudo, é ensinar teórica e praticamente a medicina e suas ciências e artes correlatas, procurando elevar cada vez mais o nível moral e intelectual dos nossos profissionais; criando os competentes, os eruditos, os especialistas; fazendo surgir e cultivando no mais alto grau um acurado amor pelo estudo, pelas ciências médicas, pela arte médica, pela profissão médica!

Senhores! Parecerá a muitos estranhável que, numa época de extremo mercantilismo, como esta que atravessamos, ainda existam homens de responsabilidade que se congreguem para fazer "aumentar o número de médicos", com fundação de uma nova Faculdade de Medicina.

Para estes "espíritos práticos" o médico é um "proletário intelectual", um indivíduo acorrentado à pobreza, se não à mendicância...

Senhores. Se pretendeis abraçar a nobre profissão que os vossos mestres desta casa irão vos fazer conhecer em todos os seus detalhes em seis anos de curso, com a esperança de auferir grandes lucros, de vos tornardes ricos capitalistas, no fim de uma labuta mais ou menos demorada; se não aspirais viver como vivem as outras pessoas que escolheram, por inclinação ou por temperamento, as profissões liberais sabendo que irão tirar dela apenas os recursos necessários para a sua subsistência, sem faustos nem magnificências, mas só uma aceitável mediania, compatível com o meio que habitamos, então fechai os vossos livros, os livros que vos apontamos agora, cheios de entusiasmo, e ide para o balcão ou para

o arado, para os campos ou para as oficinas onde dizem que as riquezas entram em borbotões, dependendo tudo, em grande parte, apenas da boa sorte de cada um.

Os que aqui entrarem pobres, esperando encontrar no microscópio, no escalpelo, na retorta e nos diversos e variegados materiais de propedéia, de prótese e de síntese "instrumentos propinadores de fartas e rápidas riquezas, como sucede com os outros" com o tamanho do solo, o redemoinho das máquinas ou o esfuziar das transações, perderão, de certo, o seu tempo, o seu trabalho e as suas aspirações. A profissão médica foi, é, e será sempre um sacerdócio e, conseqüentemente, deve revestir-se, sem cessar, de uma incomparável soma de abnegação e de desprendimento. Sua área de ação será principalmente entre os que sofrem, entre os que estão inibidos de trabalhar, pela doença ou pelo acidente, entre os que têm a vida perturbada por um desvio de saúde qualquer. E não serão entre estes, bem vêdes de um pronto golpe de vista, que poderemos conseguir elementos e subsídios para acúmulo fácil de fortuna. Eis aí a exata situação econômica que vos vaticina a profissão honrosa que acabais de escolher.

Não ambicioneis outra, por impraticável.

Os lucros oriundos da vossa profissão proporcionar-vos-ão tão somente o conforto e o bem estar encontrados comumente nas demais profissões liberais - advogados, engenheiros civis, agrônomos, mecânicos, funcionários públicos e tutti quanti. Nada mais e nada menos que isto. Ficai, portanto, bem avisados do que vos aguarda.

Se, no entretanto, sois dotados do mesmo entusiasmo que nos domina pelas coisas da medicina e de seu final estágio - a higiene; se enxergais nela, na sua objetivação, na sua aplicação conscienciosa e metodizada, um dos mais fortes esteios para o aperfeiçoamento e a felicidade do homem, se tendes, realmente, gosto e jeito pelo ofício, então, não hesiteis um só momento e vinde ser dos nossos, porque tereis na vida, muita vez, minutos da mais esplendente alegria, que só os sabem sentir, que só os podem experimentar aqueles que têm sob o seu saber e sua inteligência, o seu fino e a sua argúcia, uma vida querida que se esbarronda e que eles poderão, a tempo, sustentar e reconstituir.

Ao demais, deixai que vos adiante, porque isto é uma verdade incontestada, o número de médicos existentes em nosso país ainda não é tão grande que sua superabundância possa trazer, pela concorrência desordenada e malsã, o deperecimento da classe pela falta de meios de subsistência.

Ainda estamos muito longe disto pois, ao passo que em França, por exemplo, cada facultativo não poderá dispor de mais de mil pessoas para prestar-lhes seus serviços, entre nós a taxa percentual, por enquanto, será, quando muito, de um médico para cada vinte mil habitantes.

Não será isto uma diferença bem apreciável e que, longe de indicar um excesso, esteja a chamar por um número maior de esculápios?

Na realidade, o número total de médicos para a vastíssima extensão do território pátrio, com os seus vinte e cinco milhões de habitantes, ainda é muito restrito, e, o que se me afigura mais agravante, a grande maioria das cidades, vilas e lugarejos do nosso interior, como do interior de todos os outros Estados brasileiros, não dispõe de um só facultativo recorrendo, de contínuo, as pessoas doentes, a práticos de farmácia, quando os há, ou aos mais reles charlatãs e catimboseiros que nada sabem e tudo mistificam.

Considerai, no entretanto, que nestes centros desprovidos de médicos há uma desordenada exuberância de males de toda a ordem, carecendo de serem estudados com afinco, necessitando de serem combatidos com o mais acentuado devotamento.

Todo o mundo hoje sabe que esta obra ingente de patriotismo da classe médica, que resolveu desvendar, clara e categoricamente, a triste verdade - o interior do Brasil é um vasto hospital - um celeiro impuro de germes de doenças várias que aí proliferam sem o menor entrave, para infeccionar os nossos campos, deleteriar os nossos centros de populações e inferiorizar, definhando e estiolando, não sei quantos milhões de brasileiros!

O nosso interior vive constantemente solapado por várias epidemias, e muitas das suas localidades estão cheias de ancilostomosados, de portadores de não sei quantas outras verminoses, de disentéricos, de vítimas de moléstias de Chagas, de tracomatossos, de caquetisados por úlceras tropicais de outras e outras.

É chegado o momento, senhores de dizer-vos a orientação que pretendo dar ao curso da história natural, no presente ano, o qual, por uma nímia gentileza do meu ilustre colega dr. Alfredo Medeiros, professor da cadeira, a quem solicitei a excelsa honra de, inaugurando a sua cátedra, inaugurar os cursos da Faculdade de Medicina do Recife, coube a mim fazer, não com o mesmo brilho, mas com a mesma soma de boa vontade.

Estou crente que não ireis supor que pretendesse vos prender a atenção, em lições sucessivas, sobre a história da flor, das folhas e dos frutos, sobre a probabilidade discutível da sexualidade daquela, ou a respeito das sisudas idéias de Sprengel sobre a adaptação recíproca das flores e dos insetos.

Nada direi, tão pouco, sobre o transformismo experimental das plantas, nem finalmente, sobre a criação atual das espécies.

São estas, noções muito interessantes e instrutivas, assim como várias outras que vos poderia citar, mas que já as tivestes, minuciosas e eruditas, no vosso curso preparatório e, depois, fundamentalmente, as recordastes para vosso exame vestibular.

Por isso, e de acordo com a moderna orientação que vão tomando as coisas da medicina, vos ensinarei o que puder, de fitopatologia, procurando ao mesmo tempo, interessar-vos no mais alto grau, nos assuntos atinentes à zoo-patologia e mais particularmente aos protozoários, aos helmintos e aos insetos: - uns causadores diretos de moléstias e outros, tenazes e temíveis portadores e disseminadores delas.

Enveredando nesta ordem de considerações, ireis verificar o extensíssimo e importante papel que cabe à disciplina que me incumbi de ensinar-vos, no progresso da medicina e como do seu conhecimento aprofundado, tirará o médico imenso proveito.

Tamanho extensão tem ganho a proto-zoologia médica com seus últimos cultores, que bem podemos afirmar ser ela, como subsidiária da arte médica de um valor igual, pelo menos, à sua irmã, a bacteriologia, ambas nos dando a conhecer a natureza, a causa íntima de quase todos os males que perseguem a humanidade.

Moléstias a protozoários podemos citar as amebas, tanto as intestinais, causadoras de uma das espécies de disenteria, como as sanguícolas, responsáveis, entre outras, do paludismo; os espiroquetas, de formas e biologia variadas, produtores da febre amarela,

da febre ictero-hemorrágica, do tifo recorrente, além de outras; as leishmanias e os tripanozomas.

O papel da helmintologia, no domínio da patologia é de uma transcendência impressionante, sendo bem conhecidas as terríveis devastações provocadas em nossas populações rurais pelos ancilóstomos, tricocéfalos, ascárides lombricóides, oxiúrios, chistosomas, cestódios e filárias.

A importância prática da entomologia é tão conhecida, que não se faz preciso mais enaltecê-la.

Os mosquitos de vários gêneros, como hóspedes interme-diários e transmissores dos germes do paludismo, da febre amarela e da filarose, os ticos, na propagação da febre que traz o seu nome; as moscas, desde a grande Tsé-tsé à conhecidíssima mosca comum, até o pequenino flebótomo na propagação da doença do sono, da tuberculose, da disenteria, do colera, das febres tíficas, da febre dos 3 dias e da dengue; os ácaros em um sem número e dermatoses; o piolho, no tifo recorrente, o triátomo, na doença de Chagas; as pulgas, na peste; o percevejo no cancro e, quem sabe?, na lepra. São alguns espécimens entomológicos que merecerão acurado estudo nosso.

Eis aí, o objeto essencial dos nossos trabalhos, durante o ano - o estudo detalhado da parasitologia médica, ramo especial e individualizado, por estudos recentes, e cada vez maiores, da patologia geral.

A fim de que nossas lições adquiram o máximo de aproveitamento, irei buscar apoio em diversas outras ciências fundamentais, tais como a morfologia, a fisiologia, a histologia e a química. Sobretudo, darei uma afeição profundamente prática, procurando incutir no ânimo de todos vós o maior desvelo por semelhante estudo, fazendo-vos sentir as alegrias intensas que gozam os sábios, mordendo o fruto permitido da árvore da ciência, na pitoresca expressão do eminente professor Prenant.

Para que, porém, no fim da jornada, tenhais adquirido o máximo dos conhecimentos que vos prometo dar, espero encontrar em cada um de vós, um estudioso, um aplicado e um pesquisador indormido.

Assim ficaremos perfeitamente pagos - mestre e discípulos".

Malentendido e Normalização: A nova Instituição de ensino superior marchava de vento em popa quando desaba sobre ela violento vendaval. Surge, no seio da Congregação, uma dissidência, tornando-se maioria. Sem consulta ao Diretor, decidiu reunir-se em local fora da Faculdade, e, aí, deliberou sobre vários assuntos pertinentes à Instituição. Por exemplo, Dr. Tomé Dias passou para Anatomia Médico-Cirúrgica e Aparelhos, o Dr. Paulo de Aguiar para Clínica Ginecológica, o Dr. Alfredo Costa para Clínica Cirúrgica, o Dr. Adamastor Lemos para Histologia. O Dr. Arsênio Tavares foi excluído de maneira descortês e anti-regulamentar. Outras cadeiras também sofreram modificações.

A conduta tomada representava desrespeito ao Diretor. E Octávio de Freitas reagiu à altura, afastando-se da direção. O estabelecimento passou imediatamente ao vice-diretor, Prof. Gouveia de Barros, que assumiu a direção da Instituição. A nova direção introduziu várias modificações discordantes da administração anterior.

A crise desencadeada abalou os alicerces do edifício de construção recentíssima. As aulas foram suspensas, a congregação deixou, pouco tempo depois, de se reunir. O diretor em exercício ausentou-se para o Rio de Janeiro a fim de assumir o seu mandato de deputado federal. O Diretor substituto não conseguiu promover reunião da congregação nem tampouco fazer funcionar o curso com abertura das aulas. Reinava o caos. Parecia que tudo iria d'água abaixo. Todo esforço feito estaria perdido.

Os estudantes integrados no curso, dispensando grande estima à Instituição e receiosos de grande fracasso, puseram-se em campo para evitar a continuação do dismantelo. Procuraram os professores, solicitando que trabalhassem pela manutenção da Escola, pois sua existência se achava ameaçada. E nessa romaria aos docentes, procuraram, evidentemente, o Dr. Octávio de Freitas, apelando para que ele reassumisse a direção.

Posteriormente, uma comissão de professores fez veemente apelo ao Dr. Otávio de Freitas no mesmo sentido. A Comissão hipotecou o inteiro apoio de toda a congregação.

O ex-diretor aquiesceu, porém exigindo só retornar à Escola desde que seus atos e suas decisões anteriores fossem mantidas.

Aceita a categórica exigência, o Dr. Otávio de Freitas reassumiu, fazendo voltar à normalidade a vida da Instituição. A essa altura dos acontecimentos, por intermédio do Prof. Antônio Austregésilo Rodrigues, pernambucano e profissional de prestígio no Rio de Janeiro, ele obteve que a Câmara através de projeto concedesse à novel Faculdade uma subvenção anual de cem contos de réis. Por outro lado, com a fusão das escolas de Farmácia e Odontologia com a nova instituição de ensino médico, o patrimônio se elevava a 120 contos, além do imóvel da Escola de Farmácia. Outras achegas também se achavam na linha de obtenção de recursos e meios. Por exemplo, pretende Octávio de Freitas, também Diretor da Liga Pernambucana Contra a Tuberculose, doar os três prédios, estimados em 120 contos, à Instituição nascente. Calcula Aníbal Fernandes em extenso artigo comentando a crise no Diário de Pernambuco, que o patrimônio da Faculdade de Medicina atingia um total de 440 contos de réis.

As atividades ambulatoriais já preocupavam os fundadores da Faculdade de Medicina do Recife. Daí as providências de que no Dispensário Octávio de Freitas funcionaria o ambulatório de clínica médica e cirúrgica e, no Lino Braga, o serviço de clínica pediátrica médica e a cirúrgica. Quanto à hospitalização a Santa Casa franqueou à Escola os Hospitais a seu cargo. E dessa maneira a Faculdade de Medicina do Recife retoma a marcha para atingir o seu grande e nobre destino.

Primeira Turma: Normalizadas as atividades administrativa e técnicas, em 24.12.1925 forma-se a primeira turma composta de 6 médicos: Porfírio de Andrade Sobrinho, Benedito Alves de Carvalho, Aníbal Bruno de Oliveira Firmo, João da Silva Correira de Oliveira Andrade, Argemiro Costa Filho e Antonio Ignácio de Barros Ribeiro. A colação de grau teve lugar no salão nobre da Escola Normal, dirigida pelo Prof. Ulisses Pernambucano. Compareceram à cerimônia autoridades federais e estaduais, professores de outras faculdades, grande número de pessoas gradas.

Pelos doutorandos falou Antônio Ignácio de Barros Ribeiro e como paraninfo foi escolhido o prof. Octávio de Freitas, cujo discurso é o que se segue:

"Prezadíssimos discípulos meus!
Chegastes, enfim, ao término de vossos estudos acadêmicos!

E, por uma coincidência feliz para mim, assim como minhas foram as primeiras palavras que ouvistes neste novo centro de ensino médico; meus, os primeiros incitamentos que recebestes na difícil e nobilitante jornada que ireis iniciar; e meus os primórdios alviçareiros de vossos estudos na divina ciência de Hipócrates; assim também estão sendo agora minhas as últimas palavras que ides ouvir, antes de transpôrdes os humbrais do nosso comum templo de estudos, de experiências e de observações, nesta hora inegualável em que ides trocar a descuidada vida acadêmica pelos encargos pesados e cada vez mais cheios de responsabilidades da vida prática; e ireis deixar entre os que aqui ficam, com toda a certeza, um montão de saudades e de onde levareis, sem dúvida, eternas recordações.

Deveis estar lembrados como, há seis anos atrás, vos recebi, ao iniciardes a vossa carreira acadêmica nesta Faculdade, que também se iniciava, tão periclitante para os tímidos e os derrotistas, e cujas únicas credenciais eram, então, a sinceridade, a boa fé e uma força de vontade inquebrantável.

Afirmei-vos naquele instante, que a nossa Faculdade não fora criada para "fabricar doutores", mas para ensinar a Medicina, procurando elevar cada vez mais o nível moral e intelectual dos nossos profissionais, criando os competentes, os eruditos, os especialistas, fazendo surgir e cultivando, no mais alto grau, um grande amor pelo estudo, pelas ciências e profissão médica.

Disse-vos tudo isto e acrescentei, como para experimentar-vos ou, melhor, para exaltar ainda mais vossas incipientes inclinações: - "Se pretendes abraçar a nobre profissão que os vossos mestres desta casa irão vos fazer conhecer, em todos os seus detalhes, em seis anos de curso, com a esperança de grandes lucros, de vos tornardes ricos capitalistas, no fim de uma labuta mais ou menos demorada; si não aspirais viver como vivem os que escolheram, por inclinação ou por temperamento, as profissões liberais, sabendo que irão tirar dela apenas os recursos para sua subsistência e nada mais, então fechai os vossos livros, os livros que

vos apontamos agora, cheios de entusiasmo, e ide para o balcão ou para o arado, para os campos ou para as oficinas".

É bem de imaginar, idealistas que vós éreis, que preferistes o outro caminho que vos apontei e pelo qual vos enveredastes, de espírito forte e coração sereno, buscando com esforço e dedicação, cada um de vós, aplinar as dificuldades todas que teriam de vir surgindo, dia a dia. E tudo vencestes nestes seis anos de instrução médica, depois de já terdes vencido labutas igualmente destemerosas neste curso de preparatórios onde, no dizer de Afrânio Peixoto, "não somos nada ainda, sem individualidade, sem destino certo, marcados como um labéu pelos mais velhos ou pelos mais adiantados que partem, e vemos se afastarem para as escolas superiores com um sorriso desdenhoso aos preparatorianos que ainda ficam, às privações da labuta a perfazerem os dez ou doze trabalhos de Hércules que se chamam ensino secundário".

Pressurosos e confiantes, andastes a busca de realizar este ideal assoberbante, idéia fixa, pensamento dominador, consubstanciado neste anel auri-verde que tendes agora no vosso dedo indicador, como símbolo tradicionalista de nossa profissão.

Seis longos anos sonhando serdes médicos para praticardes o bem, sem alardes, sem preconícios, sem estardalhaços e repetindo, constantemente, cada um de vós, as deliciosas palavras de um dos príncipes de nossa literatura: - "Os nossos triunfos não os obtemos na praça pública ou no teatro, diante da multidão que aplaude, mas lá no recôndito de um escuro aposento silencioso, onde geme a criatura. Só Deus os contempla. Só Ele os recompensa".

Assim, cheios de doiradas quiméras, plenos dessa confiança no porvir, fostes galgando galhardamente, etapa por etapa, o vosso tirocinio acadêmico.

Quem, nesta festa de despedida, em que vos estamos entregando, gostosamente, vossas cartas de maioridade científico-sacerdotal, vos contemplar assim tão nédios, tão corados, tão exuberantes de vida, não avaliará, de certo, as agruras e os dissabores, os sustos e as apreensões por que passastes...

Calouros, si não sofrestes os horrores das vaias desconcertantes e abjetas, porque éreis os iniciadores acadêmicos da nova escola, sentistes as inumeráveis dificuldades dos que se iniciam nos

intrincados estudos superiores, tão diferentes daqueles que até então vinheis perlustrando.

Enveredando por estes caminhos novos, entrastes desconfiados e hesitantes em contato com os professores de física, de química e de história natural, onde vos abeberastes de conhecimentos interessantíssimos mas que, para compreendê-los em todas as suas minúcias, nem sempre vos bastavam os elementos que trouxestes de vossos estudos secundários".

Depois, fostes galgando os outros anos, onde ciências novas vos eram ministradas, numa seriação nem sempre a mais consentânea com os bons métodos de ensino, mas que vos propinavam em obediência à lei número 11530, pela qual nos regíamos inteiramente até bem pouco tempo, a fim de que a nossa Faculdade fizesse jús à equiparação às suas congêneres oficiais.

Aulas teóricas nas velhas salas do nosso pardieiro da Rua Barão de São Borja; aulas práticas, de uma hora e meia, nos diversos laboratórios existentes na própria Faculdade ou em estabelecimentos outros que a ela os cediam pressurosos; aulas de clínicas no Hospital Pedro II, no Hospital de Santo Amaro, no Hospital de Doenças Nervosas e Mentais e no Hospital de Santo Amaro, no Hospital de Doenças Nervosas e Mentais e no Hospital de Centenário, umas e outras feitas por professores que porfiavam em cumprir à risca os seus deveres, obrigando-vos a uma frequência contínua e estafante pelo grande número de encargos a que éreis obrigados, em muitos e muitos dias - eis a vossa longa e cruciante odisséia!

Porque não lembrar aqui também, ao menos por desconto de alguns pecadilhos que, por ventura, tendeis perpretado durante o vosso curso, as épocas sempre terrificantes, tempestuosas e aflitivas dos exames?

Que momentos de angústia e de ansiedade para os estudantes são aqueles em que se vêem obrigados a executar, submissos, suas provas escritas, práticas e orais; em que, depois de um ano de estudo, de sabatinas obrigatórias e de não sei quantas outras provações, teem de sujeitar-se, por força da lei, ao julgamento dos professores e ao juízo dos condiscípulos!

Será, realmente, o exame de fim do ano, perante um auditório mais ou menos numeroso e com uma série de pontos

tirados à sorte na ocasião, o melhor meio de aquilatar o aproveitamento dos alunos?

São estes interessantes assuntos dignos de acurada meditação, mas que não julgo oportuno discutir agora, preferindo salientar, ao invés disso, que fostes todos vós, meus presadíssimos discípulos, galardoados sempre, ano a ano, até atingirdes o cimo da montanha onde vos encontráis nesta hora que julgais, talvez, a mais feliz da vida, a nos acenar com as vossas despedidas...

E, já que me conferistes a insigne honra de ser o paraninfo eleito dos primeiros médicos saídos de nossa novel Faculdade, ouvide-me, como si um primeiro filho estivesse ouvindo a um Pai amantíssimo que se sentisse cheio de apreensões e cuidados, no momento de sua partida e que, já na soleira do lar idolatrado, o retivesse alguns instantes ainda, para lhe dizer as derradeiras recomendações.

Si sois os primores da nossa Faculdade de Medicina, os seus primeiros frutos, os seus primeiros filhos...

Tereis de escutar de muita gente, em múltiplas ocasiões, uma censura acre, desarrazoada, aos vossos Mestres: - Como já existindo tantos e tantos médicos em nossa terra, ainda tivestes a idéia de criar em Pernambuco, mais uma escola superior destes estudos, mais uma "fábrica de doutores", no dizer pitoresco de considerarem eles nossa Faculdade?

No entretanto, por mais que vivam a alardear, assustadiços e egoistas, a superabundância de médicos, entre nós, a realidade documentada pela estatística, é que estamos muito distantes ainda da pletória médica anunciada tão canglorosamente pelos pregoeiros inomináveis do mais esquisito e antiquado dos trusts.

Ao contrário, não possuímos ainda profissionais em número suficiente para disseminá-los por todo o vasto interior do Brasil. Si facultativos se encontram em mais avantajadas proporções nas suas capitais, grande quantidade de cidades, vilas e lugarejos do hinterland ainda não dispões de um só médico, recorrendo, de contínuo, as pessoas que adoecem, a práticos de farmácia, quando os ha, ou os mais reles catimboseiros que, ao invés de aliviá-las, mais agravam suas mazelas e seus infortúnios.

Dizei, pois, a estes malsinadores impenitentes que encontrades em vosso caminho que a Faculdade de Medicina do Recife não virá superpovoar de médicos o nosso país; antes concorrerá beneficentemente, com suas co-irmãs de outras capitais para a substituição progressiva e salutar destes leigos, que nada sabem e tantas vezes perturbam o evoluer natural de uma doença tendendo para a cura, por profissionais que cursaram regularmente uma escola médica.

E assim, ela fará obra meritória, restringindo, pouco a pouco, com inteligência e critério, o charlatanismo que em desabusadas proporções campeia, desassombradamente, por todos estes lugarejos.

Ao demais, há uma outra valiosa justificativa para ser bem aceita, como foi, a fundação da nossa Faculdade: - as escolas médicas oficiais, sobretudo a do Rio de Janeiro, pela sua vantajosa situação, acambarcaram quase todos os estudantes de medicina brasileiros, a tal ponto que os professores se tornaram impotentes a lecioná-los com proveito e as salas de aulas encontram-se insuficientes para contê-los todos.

A fim de sustentar um pouco este movimento centrípeto de estudantes de medicina para a Universidade do Brasil, a nova lei de ensino, que tomou o número 16782-A, foi obrigada a fixar o quantum de alunos devia caber, cada ano, a cada instituto, na sua série inicial. Por semelhante dispositivo, as Faculdades dos Estados terão, forçosamente, de receber em seus seios os alunos excedentes da Universidade, que por elas se espalharão, sem dúvida alguma, e nelas irão receber os ensinamentos de que tenham necessidade às suas formações médicas.

E como as demais faculdades terão de acolher alunos novos, com as mesmas restrições numéricas, claro está que à nossa caberá também uma quota proporcional de estudantes, concorrendo de tal forma para a descentralização do ensino e o justo equilíbrio de "aspirantes a doutores" que deverá existir, daqui por diante, em todas as escolas médicas brasileiras.

Não deveis repousar por muito tempo, ou para sempre, em vossas estantes, os vossos livros, os livros em que aprendestes a ciência e a arte de curar, como aliás era um costume desastrosamente tão comum, entre nós, nos tempos de antanho e mesmo

- porque encobri-lo? - em épocas mais recentes, entre tantos que "tentavam a vida" de médicos da roça. Ora, diziam estes, para que mais estudos, se o que aprendemos com tamanho afincio, nos bancos acadêmicos, nos bastará para resolver todos os problemas clínicos que, a cada passo, somos chamados a solucionar?

Deveis concordar que isto era um erro dos mais imperdoáveis e que pouco a pouco os iam inferiorizando aos olhos dos poucos que ainda estudavam e também da clientela que não os teria como "doutores" e sim como simples "meizinhos".

O profissional que nunca mais abrir um livro, ao deixar a vida de estudante, torna-se, de fato, um curandeiro, muito mais perigoso, aliás, que os curandeiros leigos, porque, sobre estes têm a desvantagem de estarem protegidos pela lei, embora, insensivelmente, se vão transformando em "doutor da ignorância e do charlatanismo".

Lê-de sempre os livros de medicina, eu vos concito. As ciências médicas vivem em continuada evolução e aperfeiçoamento, de modo que o médico que se contentar com os conhecimentos adquiridos na escola, criará uma barreira intransponível entre os que ele estudou e os conhecimentos adquiridos pelos outros, pelos "novos", pelos que veem chegando, pelos especialistas, pelos particularistas de todas as castas, que passam meses e meses nos laboratórios e nos hospitais, estudando uma reação, determinando um composto, interpretando um sintoma, criando uma doutrina que vem, tantas vezes, derrocar tudo o que, até então, tinha ele aprendido.

Como poderá o clínico, abandonando os livros e as revistas novas, onde se acham arquivados todos estes fatos valiosos, se aperceber de toda esta soma inestimável de conhecimentos?

Conheço um velho e exímio cultor da medicina, muito da minha afeição, espírito forte, cérebro cultivadíssimo e têmpera de aço, que disse-me, uma vez, enchendo-me do maior encantamento as suas sábias palavras: - Eu não serei mais clínico no dia em que um médico moço, em conferência comigo à cabeceira de um doente, referir-se a novos problemas médicos de que eu ainda não tenha conhecimento, por uma leitura acurada feita por mim mesmo. Para tal não suceder, eu leio, todas as noites, vários livros e

revistas médicas cujas assinaturas tenho o cuidado de renovar todos os anos.

E neste grande amor ao estudo é que está o segredo dos seus continuados, dos seus eternos triunfos na vida profissional.

Lê-de os livros novos e as revistas de maior atualidade; mas, não vos esqueçais dos livros velhos, dos alfarrábios médicos, pois que a Medicina deve ser essencialmente tradicionalista. Sobretudo, não deixeis nunca no olvido as obras imortais do divino Hipócrates, o célebre médico da pequena cidade de Cós.

Aluísio de Castro disse, com muita propriedade, numa de suas notáveis orações acadêmicas:

"Mudam os tempos e as doutrinas; não muda a natureza, e a medicina é, na essência, sempre a mesma de Hipócrates o mestre de todas as épocas. Nem a um médico se deve conceder o grau, sem que houvesse meditado a longa lição dos seus livros, ouvindo-o como Pai, que se recorda com egrégia fidelidade. Porque na tradição médica vive a melhor da nossa força e os preconceitos e as escolas e as rivalidades, tudo cede a uma coisa mais alta, perpetuada de tempo imortal em nossa classe".

Não calculais, meus discípulos, a tristeza que se apoderou de mim quando, lendo acurado as vossas teses, notei que elas, em obediência às nossas leis de ensino, tantas vezes refundidas, reformadas e emendadas, não traziam mais, como nos "meus bons velhos tempos", os aforismos de Hipócrates e de outros sacerdotes megnos da Medicina!

É que assim, eu via perdida uma azada ocasião que renderdes as vossas homenagens ao tradicionalismo médico...

Eu vos aconselho, convencidamente, não descurardes jamais as obras hipocráticas. Lê-de-as sempre; lê-de-as constantemente, porque nelas tereis, todas as vezes, bastante o que aprender, desde as normas e os deveres que "havemos de ter por código nas relações profissionais e na prática da arte" e que tão descuradas encontrareis, tantas ocasiões, entre os vossos comparsas, até a educação literária e filosófica, tão esquecida por inúmeros esculápios, mas que devemos proclamar como indispensável ao bom êxito da carreira médica.

O especialismo e o enciclopedismo; as reformas do ensino; a socialização da medicina...

Santo Deus! Ainda tantas recomendações a vos fazer e o tempo cada vez mais premente e reduzido! E a vossa hora de partir quase esgotada!

Vendo-vos tão sôfregos em estreitar nos braços os vossos amigos, seria eu um importuno se vos pretendesse deter mais que uns instantes...

Presadíssimos discípulos!

Conferindo-vos o grau de doutores, a Faculdade de Medicina do Recife manda vos dizer, por meu intermédio, que doravante podeis exercer e ensinar a medicina.

Com a solenidade de hoje encerrais vossa jornada acadêmica e dais início à vossa vida de Médicos.

Vivestes, até agora, envolvidos em sonhos os mais alcançados e hoje, que os primeiros albos da vossa vida profissional começam a despontar, não procureis despertar, eu vos suplico, com o mais vivo empenho, carrancudos, incrêus ou descontentes, tomando como uma falaciosa miragem tudo o que, de longe, entrevistes na vossa vida prática.

Não sê-de derrotistas, pelo amor de Deus! Antes, continueis os mesmos bravos campeões de esplendentes feitos, os mesmos ardorosos idealistas de grandes realizações, procurando aperfeiçoar-vos, cada vez mais, pelo estudo, pela dedicação e pelo trabalho, mostrando, deste modo, aos vossos Mestres da escola do Recife, que realmente existe a alegria de ser médico!

Em 1926, nova turma se diploma, constando de cinco profissionais.

Sede Própria: Desde o início do funcionamento do curso de graduação que a Faculdade de Medicina, com Otávio de Freitas à frente, luta por um prédio com instalações condignas às suas necessidades. Várias investidas, várias promessas, várias escolhas foram tentadas, todas, porém, sem chegarem a se materializar. Até que enfim, o Governador Sérgio Loreto, sempre simpático aos propósitos dos professores da Faculdade de Medicina, baixa ato, cedendo à Instituição o terreno existente na esplanada do Derby,

onde existiria, antigamente, um hotel mandado construir por Delmiro Gouveia.

"De posse deste terreno, diz Octávio de Freitas, a 4 de março de 1925, apresentei à congregação da Faculdade, a planta do futuro prédio, organizada pelo arquiteto Giacomo Palumbo e os orçamentos apresentados, em concorrência pública, por diversos construtores, sendo aceita a proposta dos srs. J. Brandão, Magalhães & Cia., como a que melhor atendia aos interesses da nossa Instituição.

Aceita esta proposta, foi assentada a primeira pedra do edifício no dia 20 de maio de 1925, com todas as solenidades, inclusive a bênção do local".

Continua Octávio de Freitas: "O dinheiro com que contávamos para consecução da obra era o proveniente de uma subscrição federal que a custo conseguimos obter e o das matrículas, as quais ainda não eram em número bastante elevado.

Em cofre, a bem dizer, contávamos apenas com cem contos de réis, e o orçamento dos construtores se elevava, na melhor das hipóteses, a 580 contos de réis. E foi com esta minúscula quantia que inciamos o nosso gigantesco empreendimento; confiados, em grande parte, na boa estrela que iria presidir os destinos daquela obra".

Como procedeu Octávio de Freitas em seu livro, aqui também se transcreve a histórica ata do assentamento da pedra fundamental:

"Acta do assentamento da pedra fundamental da Faculdade de Medicina do Recife.

Aos vinte dias do mês de Maio de mil novecentos e vinte e cinco, no bairro do Derby, desta cidade do Recife, capital do Estado de Pernambuco, às dezesseis horas, presentes o Exmo. Sr. Dr. Sérgio Teixeira Lins de Barros Loreto, Governador do Estado, tenente-coronel Vicente de Albuquerque, inspetor da região militar, cônego Henrique Xavier de Farias, presidente da Câmara dos Deputados, dr. Antônio de Góes Cavalcanti, prefeito do Recife, dr. Amaury de Medeiros, diretor do Departamento de Saúde e Assistência, dr. Manuel Netto Carneiro Campello, diretor da Faculdade de Direito do Recife, comissões representativas do Senado e da Câmara, dr.

José Octávio de Freitas, diretor das Faculdades de Medicina, Farmácia e Odontologia do Recife, o corpo docente dessas mesmas Faculdades, Exmas. Famílias, estudantes e representantes da imprensa, além de outras pessoas que assinam esta ata, em ato solene, foi colocada a primeira pedra do edifício da Faculdade de Medicina, em terreno cedido por lei do Congresso Estadual devidamente sancionada pelo Exmo. Sr. Governador do Estado.

Por essa ocasião o Revdmo. Cônego Jeronymo de Assumpção, vigário da paróquia da Boa Vista, desta cidade, lançou a bênção da Igreja Católica sobre a primeira pedra da Faculdade, discursando, em seguida o dr. Gilberto Fraga Rocha que, em nome do corpo docente da Faculdade, salientou o quanto de útil ao seu progresso viria trazer a construção de seu edifício próprio e o acadêmico do quinto ano médico e bacharel em direito Caetano Quintino Gilhardo, pelo corpo discente, congratulando-se com os seus mestres e colegas pelo notável acontecimento que se realizava.

Foram, então, encerradas, em urna especial, uma cópia deste documento exemplares dos jornais do dia e diversas moedas correntes no país, sendo a urna, colocada em um depósito de concreto, previamente aberto no solo, o qual foi fechado com a colocação da primeira pedra do edifício, pelo dr. Octávio de Freitas.

E, para constar, eu Samuel Carneiro Rodrigues Campello, secretário da Faculdade de Medicina do Recife, lavrei a presente Ata.

Cidade do Recife, 20 de maio de 1925".

No dia seguinte ao assentamento da pedra fundamental começou a construção do prédio, concluindo-se em 27 de março de 1927, quando foi entregue aos construtores a última prestação de 11.105\$800.

Octávio de Freitas operou o milagre. Além das despesas da construção, foram gastos mais 319.800\$000 com a compra do material para laboratórios, mobiliários e outras despesas exigidas para o bom funcionamento de todos os departamentos.

Sobre os gastos da construção e equipamentos, diz Octávio de Freitas que "todas estas quantias foram integralmente pagas, inclusive os dois empréstimos que ela teve necessidade de contrair, um de 75 contos de réis, com a Liga Pernambucana Contra a

Tuberculose, e outro, de 150 contos de réis, com o coronel Mendo Sampaio".

"Completa a construção do edifício, competentemente mobiliado, montados os seus laboratórios com o farto material encomendado na Europa e Rio de Janeiro, tratei de realizar a sua inauguração a qual teve lugar no dia 21 de abril de 1927, pelas 13 horas, lavrando a seguinte Ata:

Ata da inauguração do prédio construído no Derbi e destinado à Faculdade de Medicina do Recife:

Aos vinte e um dias do mês de abril de mil novecentos e vinte e sete, trigésimo oitavo da proclamação da República dos Estados Unidos do Brasil, sendo presidente da República o Exmo. Sr. Dr. Washington Luiz Pereira de Sousa, governador do Estado o Exmo. Sr. Dr. Estácio de Albuquerque Coimbra, às quatorze horas, em o prédio recentemente construído no Derbi pela Faculdade de Medicina do Recife, achando-se presentes as primeiras autoridades civis e militares e eclesiásticas do Estado, o diretor e professores da Faculdade de Medicina, os diretores da Faculdade de Direito do Recife e Escola de Engenharia de Pernambuco, grande número de pessoas gradadas, entre as quais senadores e deputados estaduais, magistrados, lentes de outras faculdades e institutos de ensino secundário, foi aberta a sessão solene que teve por fim a inauguração do prédio construído, e destinado aos diversos misteres da Faculdade de Medicina do Recife e Faculdades anexas de Farmácia e de Odontologia.

O Secretário lê o seguinte expediente: ofício do dr. Aloísio de Castro, diretor do Departamento Nacional de Ensino, excusando-se de comparecer à solenidade; mensagem do diretor da Faculdade de Medicina da Bahia e cartas e telegramas, no mesmo sentido, dos professores honorários, drs. José Adeodato de Sousa, Antonio Austregésilo, Caio Moura, José de Mendonça, Amauri de Medeiros, hugo Werneck, Vitor Amaral, diretores das Faculdades de Medicina de Belo Horizonte, Paraná e Rio Grande do Sul.

Em seguida, o Exmo. Sr. Governador deu a palavra ao dr. Octávio de Freitas diretor, que leu um discurso alusivo ao ato. Terminado este, passou-se à colação de grau da turma de médicos

que terminaram seu curso em 1923 e que prestaram compromisso na presente sessão. Feita a chamada regularmentar, compareceram os doutorandos Francisco de Freitas Lins, Gildo Muniz Neto e Fernando Carneiro Campelo. Proferiu o seu discurso o professor Barros Lima, paraninfo da turma que colou o grau.

Por fim o Exmo. Sr. Governador encerrou a sessão, preferindo palavras de aplausos e de animação a Faculdade, afirmando que tudo faria em auxílio desta instituição de ensino superior. E, para constar, eu dr. Durval de Lira Rabelo, Secretário da Faculdade, lavrei a presente Ata, que vai assinada por todas as pessoas que compareceram ao ato". Seguem-se inúmeras assinaturas.

A instalação da Faculdade de Medicina do Recife em sede própria foi acontecimento de relevada importância na consolidação da vida do novo Instituto de Ensino Superior do Recife. Entretanto, restavam ainda outros obstáculos a serem removidos. A equiparação, por exemplo, era um deles Octávio de Freitas de há muito se empenhou pela equiparação da Faculdade às outras congêneres nacionais. Porém não vinha obtendo êxito. Em seu livro, aqui citado várias vezes, no capítulo "A Equiparação da Faculdade", sente-se quão difícil e laboriosa foi se obter a equiparação. Além de documentação bem fundamentada em razões incontestáveis, fez-se necessário a presença de Octávio de Freitas no Rio de Janeiro defendendo os interesses da nova Escola Médica junto às autoridades. Longo e circunstanciado ofício foi endereçado ao Ministro da Justiça e Interior. Diz Octávio de Freitas. "Para mais segurança no bom êxito desta petição, resolvi embarcar para o Rio logo depois de ter enviado este requerimento a fim de me entender pessoalmente com o professor Rocha Vaz, diretor do Conselho Nacional de Educação, que sabia não ser muito simpatizante das equiparações de escolas livres, sobretudo das de medicina. De viva voz demonstrei-lhe a justeza de nossa solicitação, e bem avisado andei, assim procedendo, pois consegui, diante das provas apresentadas e dos argumentos com que documentei as minhas asserções, se não a equiparação imediata, um despacho favorável quanto à nomeação de um Inspetor perante a Faculdade, o qual, examinando os atos emanados do nosso Instituto de ensino médico e tudo o mais que a ela se referisse, daria lugar, posteriormente, à nossa ambicionada oficialização.

Efetivamente, em data de 24 de agosto de 1925 foi nomeado Inspetor Federal, para seu período de fiscalização prévia, o dr. Álvaro Campos de Carvalho, professor de Física da Faculdade de Medicina da Bahia, que, sem demora, se transportou para esta cidade, iniciando rigorosa e inteligente fiscalização de acordo com a lei n.º 16.782-A.

Equiparação da Faculdade: Passados os dois anos de inter-regno exigidos pela lei, voltei novamente ao Rio para pleitear sua definitiva equiparação, e tais foram os documentos apresentados no meu primitivo requerimento, como outros que posteriormente juntei, e ainda também à defesa oral que fiz perante os membros do Conselho Superior de Ensino, que este resolveu em sessão de 25 de julho de 1928 dar parecer a favor da equiparação da nossa Faculdade às congêneres oficiais do país, o qual foi unanimemente aprovado por aquela douta corporação.

Levada esta auspiciosa resolução ao conhecimento do Ministro da Justiça, este, em decreto de 27 de julho de mesmo ano, baixou o ato equiparando nossa Faculdade às demais faculdades oficializadas do país".

Com a Faculdade equiparada, saiu a terceira turma, assinando-se a primeira por ser constituída pelos 06 primeiros médicos formados pela nova Faculdade, a segunda distinguida pela inauguração da sede própria. E dessa maneira, como nau que sai fora da barra, a Faculdade de Medicina do Recife iniciou sua grande e profícua trajetória.

. Sede Própria: O belo edifício construído no Derby passou a ser a sede da Faculdade de Medicina no Recife. Nele funcionavam a parte administrativa - diretoria, secretaria, tesouraria - o salão nobre se realizavam os concursos de docência livre e de cátedra, as congregações, conferências e eventos memoráveis, salas teóricas e laboratórios das cadeiras próprias.

Este prédio, no aprazível e tradicional bairro do Derby, representa grande parte da história do ensino médico em Pernambuco, bem como o interesse científico despertado por Aggeu Magalhães, Ulysses pernambucano, Gouveia de Barros, Nelson Chaves, Eduardo Wanderely Filho, Jorge Lobo, Mário Ramos, Barros Lima, Fernando Simões Barbosa e Edgar Altino.

Reformas de ensino exigiam modificações quanto ao número de disciplinas, cargas horárias, criando às vezes, problemas administrativos. Não restando outra opção, a Faculdade de Medicina teria mesmo de cumprir o que determinavam os elevados escalões do ensino federal. O provimento das cadeiras, logo cedo passou a ser por concurso, valorizando, portanto, a Faculdade. A disputa das cátedras constituiu prélios intelectuais, algumas vezes disputadíssimos, arestosos, entre candidatos e examinadores. Graças a esse critério de seleção a Faculdade se impôs, compensando suas deficiências em recursos econômico-financeiros.

As aulas de clínica eram ministradas, nos hospitais da Santa Casa, tais como Pedro II, Santo Amaro, do Estado a exemplo do Centenário e Tamarineira e filantrópico como o Hospital Manoel de Almeida ou como o denomina o povo de Hospital da Jaqueira. Esta orientação exigia dos alunos o sacrifício de se locomoverem para frequentarem locais distantes. Entretanto, dispunham eles de material humano excelente pela abundância dos casos.

Sobre a Instituição não pesavam os ônus da manutenção, o que se apresentava como grande vantagem. Prof. Barros Lima sempre opinou que a Faculdade ensinasse nos hospitais de instituições públicas, filantrópicas ou privadas.

(*) Atualmente, o prédio passou a ser sede do Memorial da Medicina de Pernambuco, abrigando a Academia Pernambucana de Medicina e outras Sociedades Médico-culturais.

O aproveitamento do prédio decorreu do empenho realizado pelo Reitor Êfrem Maranhão.

Fui honrosamente incumbido para escrever "A HISTÓRIA DA FACULDADE DE MEDICINA DO RECIFE" dentro do programa estabelecido pela COMISSÃO DE COMEMORAÇÃO DO CINQUENTENÁRIO DA FUNDAÇÃO da UNIVERSIDADE do RECIFE, sua primeira designação.

Cabe de minha parte uma justificativa.

De 1935, ano que ingressei na Faculdade de Medicina do Recife, até 1938 encontrava-me, quase diariamente, com o Professor Octávio de Freitas, ora na Enfermaria Bom Conselho do Hospital D. Pedro II, ora na Liga Pernambucana Contra a Tuberculose, no Derby, fundada por ele, em 1936. Na época era o Diretor da Faculdade de Medicina do Recife.

É estranho imaginar como um professor da sua categoria respondesse a curiosidades formuladas por um estudante de medicina dos primeiros anos. Era a sua natural simplicidade de considerar o aluno com a mesma importância da de um professor.

A minha presença na Faculdade de Medicina, além de aluno de 1935 a 1940, abrangeu o exercício na carreira docente, durante 41 anos - 1945 a 1986 - continuando, sempre vinculado, ora direta, ora indiretamente com o curso médico ou com a Universidade.

Em 1985, por designação do Professor Geraldo Gomes, então Diretor do Centro de Ciências da Saúde, presedi a Comissão de elaboração do livro: "História da Faculdade de Medicina do Recife, 1915-1985".

Essa convivência de acima de 60 anos, abrangendo ensino, pesquisa, extensão e outras atividades universitárias explicam o privilégio de ter sido designado para escrever a História da Faculdade de Medicina do Recife.

Aspectos gerais

A História da Faculdade de Medicina do Recife antes de ser criada em 1915, como Escola Autônoma, deparou-se com três ordens de dificuldades: falta de recursos financeiros, ausência de sede e a oposição de um grupo de médicos, alguns de alto nível, receosos de sua sobrevivência.

Era a terceira escola médica, a ser criada no Brasil, precedida à da Bahia, fundada em 1808, pelo Príncipe Regente de Portugal Dom João VI ao tentar transferir a Corte de Portugal para o Brasil, fixando Salvador, como sua capital. A segunda Faculdade de Medicina foi criada também por João VI, no mesmo ano de 1808, no Rio de Janeiro, para onde transferiu e fixou a sede de sua Corte.

A Faculdade de Medicina do Recife, desde o início de seu funcionamento, em 1920, até 1950, quando se criou a Faculdade de Ciências Médicas, praticamente, sua filial, era a única do Recife e recebia alunos de todo o Nordeste.

Sua designação inicial, ou melhor, "seu nome de batismo", sofreu várias alterações, algumas, justificáveis, mas, outras constituem verdadeiras aberrações, como a atual.

Em 1949, incorporada à Universidade, passou a ser designada de Faculdade de Medicina da Universidade do Recife, seguida de Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco e, por último, perdeu sua identidade. Foi desvinculada das matérias básicas, desfeita a Congregação, e passou a integrar o Centro de Ciências da Saúde, em idênticas condições com todos os demais Cursos da Área da Saúde, inclusive o de Reabilitação. Houve evidente prejuízo de nível do Curso Médico, assunto de estudo pelos atuais Órgãos Superiores da Universidade Federal de Pernambuco.

A Faculdade de Medicina do Recife, designação mantida para referência nesta publicação, apresenta dois nitidos períodos durante o seu desenvolvimento. Antes e após a sua incorporação à Universidade.

O primeiro Período foi o de desbravamento, impacto de idealismo, principalmente, por parte de seus professores.

Conseguiram planejar, construir a sua arquitetônica sede no Derby, estabelecer toda a estrutura administrativa e didática, abrir e realizar exames de vestibular a partir de 1920, proceder concursos de doutoramento a partir de 1925, de Docência livre desde de 1927 e de Cátedra iniciada em 1920.

Adiante, informações minuciosas mostrarão a luta permanente do idealista Octávio de Freitas, sempre presente, fazendo, estimulando, cobrando como tudo fosse para o seu próprio uso pessoal.

Há um sagrado dever da Memória Médica de Pernambuco, de preservar primordialmente o nome do Professor José Octávio de Freitas, como pioneiro de tudo que se fez em relação à Faculdade de Medicina do Recife, desde o período que antecedeu, ocorreu e se desenvolveu até a sua aposentadoria abrupta, em plena atividade, no ano de 1937.

Toda a estrutura física, didática e administrativa da Faculdade de Medicina desenvolvidos no do Primeiro Período foram incorporados e assumidos pela recém-criada Universidade.

Os novos salários, na época, constituíram o destaque de maior importância. Em dezembro de 1950, os então catedráticos receberam 100 contos, que correspondiam aos proventos acumulados no ano de 1950. Constituíam alto salário, idêntico ao pago ao Coronel do Exército, identificados como "O" de penacho.

Iniciava-se o Segundo Período da Faculdade de Medicina, sob o domínio da Universidade. O maior destaque situava-se em assumir toda a responsabilidade econômico-financeira, abrangendo a estrutura e pessoal e demais encargos científicos, culturais e didáticos, inclusive pelo desenvolvimento das pesquisas, tão necessárias e tão carentes em nosso meio.

Há alguns aspectos que independem propriamente dos períodos, como sejam, professorado ou alunato, que serão abordados sem profundidade, citados, adiante.

Corpo Docente: Foi mantido todo o Corpo Docente, inclusive Professores Fundadores. Ao longo de sua existência, a Faculdade de Medicina do Recife, a partir de 1920 vinha preenchendo as vagas de catedráticos, por concurso dentro das normas estabelecidas pelo Ministério de Educação. De 1920 a 1946, correspondente ao primeiro período, foram selecionados 12 professores catedráticos, e, de 1950 a esta data, ingressaram por concurso professores, atualmente designados de Professores Titulares, sendo reduzidas o número de provas.

Alunato: Em toda a sua existência, a Faculdade de Medicina do Recife graduou, segundo levantamento realizado pelo dr. Genário Sales e Dr. José M. Schuler, 8083 médicos, sendo 5596 do sexo masculino e 2487 do sexo feminino. Até 1933, não se graduara nenhuma médica. As duas primeiras médicas se graduaram em 1934. Esse levantamento será publicado pela Associação dos Ex-Alunos da Faculdade de Medicina do Recife.

Essas considerações que iluminam um pouco da vida da tradicional Faculdade de Medicina representam um esboço de sua história, pretendendo-se, com isto, atender ao desiderato programado para a primeira parte deste trabalho, marco que caracteriza o segundo período da Faculdade de Medicina do Recife, inicia-se, a partir da sua incorporação à Universidade do Recife, constituindo a segunda parte do trabalho, onde se procurará analisar a Faculdade à luz da Universidade Federal de Pernambuco.

Montado e impresso nas oficinas gráficas da

Editora
Universitária  UFPE

Rua Acadêmico Hélio Ramos, 20 • Várzea
Fone: (081) 271.8397 • Fax: (081) 271.8395
CEP 50740-530 • Recife • PE